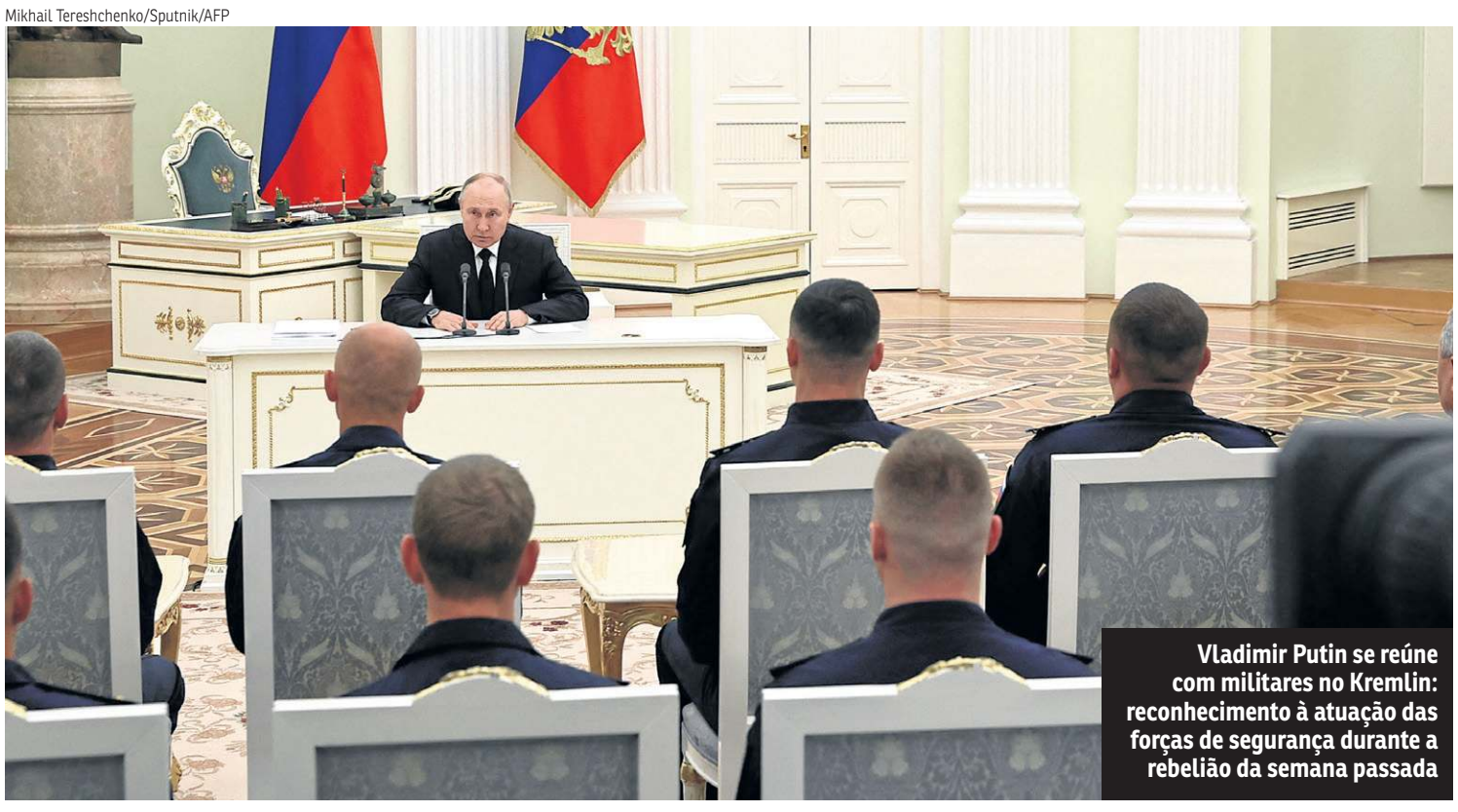
RÚSSIA

Putin diz ter parado a "guerra civil"

Em reunião com altos oficiais, presidente reconhece que o Exército "salvou a pátria" e provou "lealdade ao povo". Chefe do Kremlin também confirma que Moscou financiou totalmente o Grupo Wagner. Lukashenko anuncia chegada de Prigozhin

» RODRIGO CRAVEIRO

Mikhail Tereshchenko/Sputnik/AFP



Vladimir Putin se reúne com militares no Kremlin: reconhecimento à atuação das forças de segurança durante a rebelião da semana passada

Ao falar sobre o motim do Grupo Wagner, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, usou pela primeira vez o termo "guerra civil" e rendeu uma homenagem às tropas do Ministério da Defesa, da Guarda Nacional, do Serviço Federal de Segurança (FSB) e do Ministério do Interior. "Vocês protegeram a ordem constitucional, as vidas, a segurança e a liberdade dos nossos cidadãos. Vocês salvaram nossa pátria da turbulência, e interromperam a guerra civil", declarou o chefe do Kremlin, ao receber comandantes militares na histórica Praça da Catedral do Kremlin, em Moscou.

"Em uma situação dramática, vocês agiram de forma clara e coerente, provaram sua lealdade ao povo da Rússia e ao juramento militar, e demonstraram responsabilidade pelo destino da Pátria e por seu futuro", acrescentou Putin. "Vocês se opuseram a estes distúrbios, cujo resultado teria sido, inevitavelmente, o caos." Na noite de ontem, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) assegurou estar pronta para defender-se da Rússia ou de Belarus.

No discurso, Putin admitiu que, no ano passado, a Rússia repassou US$ 1 bilhão para os mercenários comandados por Yevgeny Prigozhin. "Entre maio de 2022 e maio de 2023, o Estado destinou 86,262 bilhões de rublos (US$ 1 bilhão) em pagamentos ao grupo Wagner", afirmou o russo, na reunião transmitida pela televisão russa. Mais cedo, o Ministério da Defesa revelou que "equipamentos militares pesados" do Grupo Wagner serão transferidos para as unidades ativas do Exército russo.

O presidente de Belarus, Alexander Lukashenko, confirmou que Prigozhin estava em Minsk, capital da ex-república soviética. Pelo pacto firmado no sábado, o fundador do Grupo Wagner suspenderia o avanço a Moscou, devolveria suas tropas para os acampamentos e se exilaria em Belarus. Citado pela agência de notícias russa Tass, Lukashenko contou ter convencido Putin a não matar o líder dos mercenários amotinados. "Uma decisão difícil foi tomada — acabar com Prigozhin. Eu disse a Putin: 'Sim, poderíamos eliminá-lo, não seria um problema'. (...) Eu disse a ele: 'Não faça isso. Esses caras (do Grupo Wagner) sabem se defender. Eles lutaram na África, na Ásia e na América Latina, e irão até o fim'."

Prigozhin estava desaparecido desde a noite de sábado, após o fim da rebelião. Lukashenko não poupou Putin e fez uma crítica ao presidente russo, ao classificar o motim como "resultado da má gestão das rivalidades entre o Grupo Wagner e o Exército" de Moscou. "A situação fugiu do controle", afirmou o bielorrusso.

Professor de história da Universidade de São Paulo (USP), Angelo Segrillo analisa os discursos de Putin feitos ontem e na segunda-feira como um indício de que ele caminha em duas direções. "Em uma delas, mostra ao público que o levante foi reprimido, sem derramamento de sangue. Em outra, tenta disfarçar uma espécie de derrota de seu governo, pois houve uma anistia aos combatentes do Grupo Wagner. No pronunciamento de sábado, Putin adotou um tom ambíguo: prometeu cumprir com o acordo mediado por Belarus e anunciou que punirá os amotinados", disse ao **Correio**.

Na segunda-feira, Putin ofereceu três opções ao Grupo Wagner: a desmobilização e o retorno para casa; a incorporação nas Forças Armadas russas; ou a ida para Belarus. Para Segrillo, o Kremlin sinaliza, com isso, o desejo de retirar a liderança de Prigozhin. "Acho que ele acabará com o Grupo Wagner. Mantê-lo, mesmo com outra liderança, sempre trará a lembrança do levante. Minha aposta é que ele desmobilize o Grupo Wagner e crie outra companhia militar privada." Ele lembrou que, na Rússia, o Código Penal proíbe o uso de forças mercenárias. "A maioria dos grupos não é registrada dentro da Rússia. Eles são criados em outros países e abrem filial na Rússia", disse.

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Putin está em uma situação difícil. Ele realmente foi desafiado. Em vez de ter uma guerra civil, ele aceitou um acordo para evitar o derramamento de sangue. O presidente caminha na direção de manter uma face de homem forte, mas exibiu fraqueza: além do levante, foi obrigado a fazer concessões."

Angelo Segrillo, professor de história da Universidade de São Paulo (USP)

Otan

O secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, garantiu que a aliança militar ocidental está pronta para se defender de qualquer ameaça vinda de Minsk ou de Moscou — uma referência à chegada de Prigozhin a Belarus. Ele entende que a Otan aproveitará a cúpula em Vilnius, capital da Lituânia, em 11 e 12 de julho, para fortalecer seus sistemas de defesa.

VENEZUELA

Corte de Haia reabre investigação por crimes de lesa humanidade

Ele se apresentou assim ao **Correio**: "Meu nome é Rufo Chacón, sou vítima dos direitos humanos na Venezuela". "Em 1º de julho de 2019, durante protesto pacífico pelo abastecimento de gás, fui agredido por oficiais da polícia de Táchira. Eles dispararam à queima-roupa em meu rosto e eu perdi os dois olhos; fiquei com 64 estilhaços, quase morri. Ainda tenho 45 estilhaços na cara", comentou o estudante de 20 anos, que mora em San Cristóbal, próximo à fronteira com a Colômbia. Chacón se disse satisfeito com a decisão do Tribunal Penal Internacional (TPI) de investigar os crimes de lesa humanidade no país. A Corte de Haia, com sede na Holanda, autorizou o procurador Karim Khan a retomar a investigação, por considerar insuficientes as medidas tomadas pelo regime de Nicolás Maduro.

"Embora a Venezuela esteja realizando algumas investigações, seus processos penais nacionais não refletem suficientemente o alcance da investigação prevista pela Promotoria", declarou o TPI por meio de um comunicado. "Quanto aos fatores que o tribunal considerou determinantes para sua conclusão, descobriu que a Venezuela não parece estar investigando as alegações factuais que estão por trás dos elementos contextuais dos crimes contra a humanidade", acrescenta a nota. "A Venezuela parece ter tomado medidas de investigação limitadas e que em muitos casos parece haver períodos inexplicáveis de inatividade investigativa."

Chacón ressaltou que há muita corrupção no sistema judicial da Venezuela. "No meu caso, por exemplo, houve uma sentença com vício. Os oficiais jamais cumprirão pena por mau procedimento", observou. Em entrevista ao **Correio**, Henrique Capriles — uma das principais lideranças da oposição na Venezuela, ex-deputado da Assembleia Nacional, ex-governador do estado de Miranda e candidato presidencial nas eleições de 2012 e 2013 — lembrou que, ante da falta de justiça, muitos venezuelanos se viram obrigados a recorrer às instâncias internacionais. "O sistema judicial da Venezuela é controlado por Maduro. Na Venezuela, não existe Justiça. Essa é uma dívida existente com os venezuelanos. Para o futuro, aspiramos que o país adote um sistema de administração de Justiça imparcial, que tenha como norte o respeito às leis e a aplicação da Constituição", explicou, por telefone, de Caracas.

Capriles ressaltou que o Tribunal Penal Internacional se insere em um processo que leva tempo. "Qualquer passo que se faça para que as vítimas tenham justiça é uma aspiração que temos como seres humanos, como pessoas que creem no Estado de Direito, no espírito da lei. Tudo isso, insisto, é um processo demorado e lento", observou. "Tudo o que Maduro quis mostrar em relação a mudanças do sistema e que está punindo os responsáveis é uma mentira. A Venezuela segue sendo um país onde não existe Justiça."

Federico Parra/AFP



Polícia Nacional Bolivariana entra em confronto com manifestantes, em Caracas, em 22 de maio de 2017

Homenagem póstuma

Por sua vez, Antonio Ledezma — prefeito de Caracas que foi preso em 2017 e se exilou em Madri — disse à reportagem que o anúncio do TPI é "a melhor homenagem póstuma às vítimas da tortura e da perseguição política na Venezuela". "A confirmação de que a investigação continuará é muito significativa, pois põe por terra os rumores de que Maduro estaria conseguindo paralisar esse processo. O TPI deixou assentada a sua linha, ao mostrar que não faz concessões a ninguém e que trabalha de acordo com o Estatuto de Roma", explicou, por telefone. Ele advertiu que, na Venezuela, não há nenhum tipo de garantia para que se realizem, no marco do devido processo, os julgamentos pendentes de Maduro e de outros autores de crimes de lesa humanidade.

Para José Vicente Carrasquero Aumaitre, professor de ciência política da Universidad Simón Bolívar (em Caracas), o Tribunal Penal Internacional emitiu um sinal de que a Venezuela segue cometendo violações dos direitos humanos. "O regime continua praticando tortura e mantendo presos políticos. Também não tem investigado casos anteriores a 2017. Nesse sentido, a Corte de Haia considerou insuficientes os esforços da Venezuela para conseguir a complementaridade da investigação", afirmou à reportagem. (**RC**)

Eu acho...

Federico Parra/AFP



"Na Venezuela, existe oposição. A maioria dos venezuelanos seguem na Venezuela. Por aqui, estamos lutando para que a próxima eleição presidencial seja um processo em que possamos nos expressar com liberdade e em que haja respeito pela opinião das pessoas. Que o povo decida seu futuro e seu destino. Maduro colocará todos os obstáculos, pois não é um governo democrático. Ele se afastou da democracia vários anos atrás e se sustenta, fundamentalmente, pelo apoio das Forças Armadas."

Henrique Capriles, líder opositor venezuelano, ex-governador de Miranda e candidato presidencial

Arquivo pessoal



"Considero positivo que o Tribunal Penal Internacional tome medidas, pois há muita injustiça, em muitos casos. Além de mim, são muitas as vítimas. Sou um dos poucos que sobreviveu, pois tantos morreram e foram silenciados. Peço a Deus que a Corte de Haia nos ajude nos procedimentos e monitorem todos os crimes."

Rufo Chacón, 20 anos, morador de San Cristóbal. Em 1º de julho de 2019, perdeu os dois olhos durante repressão das forças de segurança a um protesto por gás